

Introdução

Propomos, neste trabalho, realizar uma investigação das relações entre sistema capitalista e produção de subjetividade. Nossa questão insere-se, portanto, dentro da premissa filosófica que compreende a subjetividade como um processo de produção aberto, e o desejo como essencialmente fabricado por mecanismos sociais e históricos em transformação. Dentro desta fábrica social, onde emerge a subjetividade como— ao mesmo tempo— causa e efeito, produto e produção das instituições sociais, nos questionamos: como compreender a subjetividade produzida pelo capital? Em que medida o sistema reprime ou libera o desejo, e como conceber a produção de subjetividade para além dos processos capitalistas de subjetivação?

Não se trata, portanto, de se perguntar o que *é* o sujeito sob o capital, mas sim *como funciona* a subjetivação capitalista, buscando as engrenagens históricas, sociais, técnicas, institucionais e afetivas que produzem a subjetividade capitalista. Centramos nosso trabalho em torno do pensamento de Gilles Deleuze, Félix Guattari, Antonio Negri e Michael Hardt, incluindo as reflexões sobre capitalismo pós-moderno e subjetividade, que encontramos nas obras de Fredric Jameson, David Harvey, Jean Baudrillard, Slavoj Žižek, Zygmunt Bauman e François Lyotard.

Dada a força e pregnância do capitalismo no mundo atual, após a derrocada do socialismo soviético, a queda do muro de Berlim e a crescente hegemonia, dos anos 70 em diante, do modelo econômico neoliberal, acreditamos que uma reflexão sobre as relações entre capitalismo e subjetividade torna-se imprescindível para a compreensão do homem e do mundo contemporâneos. Em nossa época, chamada por alguns autores de pós-moderna, em que se celebra (ou condena) a crise das utopias da modernidade e dos projetos de emancipação do homem, época que chega mesmo a afirmar, conforme a célebre tese de Fukuyama, que a história chegou ao fim, e que, portanto, a hegemonia do sistema capitalista e dos Estados que lhe regula e protege constitui o horizonte incontestável do pensamento, como podemos elaborar alternativas ao poder capitalista? Como pensar processos de subjetivação que se furtem ao capital? Face à expansão do

que Félix Guattari definiu como CMI (capitalismo mundial integrado) e Negri e Hardt caracterizam, seguindo Marx, como subsunção real da sociedade no capital, investigar as relações entre capitalismo e subjetividade constitui desafio importante para a construção de novos possíveis, para a criação de alternativas políticas e subjetivas na pós-modernidade.

Três tarefas essenciais emergem da questão que propomos. A primeira é definir o que entendemos por produção de subjetividade. A segunda, compreender qual a especificidade do poder capitalista e, dentro deste escopo, da produção de subjetividade sob o capital. A terceira tarefa refere-se às reflexões acerca do mundo contemporâneo, ou seja, da inédita hegemonia e globalização da relação capitalista de produção. Esperamos que cada um destes problemas possa encontrar uma resposta ao longo deste trabalho. E que, ao final de nosso percurso, possamos entrever um mapa da produção capitalista de subjetividade e dos processos que se furtam à hegemonia do mercado, indicando linhas de resistência capazes de contribuir à desestabilização do consenso com o qual o CMI, ou o capitalismo pós-moderno, desfruta em nossos tempos. Certamente, entretanto, não pretendemos esgotar um assunto tão rico e complexo, mas apenas indicar alternativas, linhas de força que permitam entrever uma via possível para o desejo num mundo pretensamente pacificado pelo consenso capitalista. E, na busca destas linhas alternativas, nos apoiamos na filosofia da imanência, de Deleuze e Guattari à Negri e Hardt.

Pareceu-nos importante elaborar, no primeiro capítulo, uma reflexão crítica acerca do tema da pós-modernidade. Entre os autores que selecionamos todos associam, explícita ou implicitamente, pós-modernidade e capitalismo tardio. Neste primeiro capítulo buscaremos visitar suas distintas inflexões teóricas, delineando o contorno de nosso problema através das reflexões acerca do capitalismo atual: como pensar a subjetividade capitalista pós-moderna? Veremos que uma primeira questão se impõe ao debate contemporâneo: como compreender o hibridismo, pluralidade e “localismo” subjetivos celebrados pela pós-modernidade?

Abrimos nosso trabalho diretamente sobre o presente, estudando distintos diagnósticos da subjetividade capitalista. Em seguida buscaremos, no pensamento de Deleuze e Guattari, a base filosófica com a qual responder às questões suscitadas no primeiro capítulo. Estes autores elaboraram uma reflexão original

sobre o sistema capitalista, baseada na afirmação radical da diferença e da potência inventiva da subjetividade contra os mecanismos de opressão acionados pelo capital. Será no segundo capítulo que poderemos, então, delinear as premissas filosóficas que sustentam nosso trabalho, fornecendo o eixo em torno do qual combater, tanto o relativismo pós-moderno, quanto a forma específica de repressão acionada pelo capital.

Partindo da filosofia da diferença, aportamos, no último capítulo, no pensamento de Antonio Negri e Michael Hardt. O estudo destes autores nos permite avançar nas reflexões elaboradas por Deleuze e Guattari, reforçando o elo indissociável entre ontologia, política e produção de subjetividade, e criticando os mecanismos de opressão acionados pelas distintas formas de soberania social. Neste sentido, a filosofia de Negri e Hardt debruça-se imediatamente sobre o campo social e histórico, permitindo-nos apreender a subjetividade no processo mesmo de sua produção e, mais importante, no momento preciso de irrupção do desejo, da fuga ativa dos mecanismos de opressão acionados sob o capital. Nestes autores, assim como em Deleuze e Guattari, procuraremos delinear uma via possível para a afirmação radical do desejo, da diferença e da ação política dos sujeitos.

Entre os pensamentos que estudamos, entretanto, devemos assinalar uma ausência significativa. A filosofia de Marx permanece como interlocutora implícita de muitas das polêmicas que se constituem ao redor da questão “produção de subjetividade e capitalismo”: ela é uma das principais referências teóricas para muitos dos problemas levantados neste trabalho. Repetidas vezes, ao estudarmos as obras de Deleuze e Guattari, Negri Hardt, faremos referência à apropriação realizada por estes filósofos da obra do pensador alemão. Entretanto, não pudemos, por questões de tempo e espaço, introduzir uma reflexão específica sobre o autor de *O capital*. Esperamos que o espírito que anima os pensadores que estudaremos nas próximas páginas possa render homenagem ao desejo do filósofo alemão de, ao invés de simplesmente interpretar o mundo, transformá-lo, mergulhando nos mecanismos de produção da realidade subjetiva e material de nossa época.